



Sua ex.ª Antonio de tomar conserva-se tal e qual como os trapos no barril do lixo, e espera que o trapeiro os vá buscar para algum serviço, mas como não teve ainda logar este acontecimento, continua sem interrupção, e está no melhor estado a respeito da sua importante saude.

importarem com os vizinhos, por que motivo havia o bezuntão Lopes Limão pô-las no prego? por que é um Judas.

Um Judas enforca-se, se elle se não enforcar. Eis-aqui o que é a nossa caricatura de hoje.

Agora fallando muito devagarinho, que só nos ouçam os nossos leitores. Nós tinhámos muito que enforcar..... burllescamente..... mas..... vá por esta vez o Lopes Limão, e veremos de hoje a um anno (se o *Burlesco* tiver ainda a bocca sem rolha) quem será ou serão os Judas.....

Idem ao mesmo freguez,
De barro uma frigideira,
Para elle pôr no logar
Da sua rica cabeleira.

Deixo ao rapaz das Mercês
As espinhas p'ra trincar,
E meia duzia de pasteis
Para no Domingo almoçar.

Para verem que me lembro
Do amigo Lopes Limão,
Lhe deixo um cento d'unhas
Para pôr na palma da mão.

Deixo a Antonio do caleche
O mesmo, mas a dobrar,
E mais, se algum dia
Lhe fôr preciso empregar.

Deixo a meu mano João
(Que me parece um roballo)
A cabeça de Meduza
Para o logar do badallo.

Deixo ao seu mano José
(Visto ninguem o vêr)
De kaçado uma concha
Para melhor se esconder.

Idem, um privilegio exclusivo
Ao amigo Caldeirinha
Pelo invento da banha
D' enxundia de gallinha.

Deixo mais, ao Julião
Velho apagador exquisito
Quatro copos de gelea
Feita de mão de cabrito.

Deixo ampla liberdade
Ao cidadão Cadastrone
P'ra na cidade de Napoleos
Vender o seu macarrone.

Aos retrogados pancracios
(A quem Deus melhora a sorte)
Deixo seculos p'ra esperarem
A sua estrella do norte.

Deixo ao meu amigo Recta
Intrepido miliciano
Logar no theatro novo
Para ajudar a puchar o panno.

Deixo á direita inteira
O meu coração afflicto
E licença para me comerem
Cosido, assado, ou frito.

Deixo mais ao Rebellino
As minhas badanas cozidas
Para se entreter a roer
Quando as unhas tiver comidas.

Deixo ao patusco *Burlesco*
Poder de caricaturarem



celebra-se hoje o enforca-mento de Judas.

Judas foi o discipulo traidor que vendeu por 30 dinheiros seu divino mestre innocente!

Não se arrependeu d'este crime inaudito, enforcou-se em uma fogueira; morreu desesperado, e por isso não teve perdão do seu peccado!

Desde esse tempo começou se a chamar Judas a todos os malvados que enganassem ou traficassem com o seu proximo. Diz-se como ditado = E' falso como Judas. = Se o BURLESCO quizesse relacionar os nomes de todos os Judas portuguezes, era preciso um BURLESCO do formato do *Times*. Não fallemos n'isso, o que lá vai, lá vai, fallemos sómente do Judas, que hoje tem o gosto de honrar a nossa pagina burlesca, e dizer nos-hão se temos ou não razão para lhe chamarmos Judas.

E' Lopes Limonada o sugeito de quem se trata.

E' Judas porque metten teas d'aranha na cabeça da pobre pretalhada de Sunda, fez-lhe acreditar o excessivo amor que lhe consagrava, soube captar aquelle coração de fava rica, gozou os seus encantos cõr de chocolate, esteve em seus braços de pau santo, e no fim de tanta lide, limpou-lhe as joias, e por muito favor deixou-lhe a carapinha porque não tinha valor algum no mercado de Lisboa. Depois disse que ella cheirava a catinga, a chulé, a bedum, porém as joias cheiravam a pintos! Por isso as trouxe; mas se ella tivesse juizo, agarrava-se-lhe ás abas da niza, como gato a bofes, e ou elle havia commetter um assassino cõr de brixo, ou ella não ficava sem as suas preciosas joias.

E' Lopes Limonada um Judas, porque abusando da bondade das nossas possessões em Solor e Timor, vendeu-as, não por 30 dinheiros, mas sim por 80.000 ropias! Ora, estas possessões que não faziam mal ao seu proximo, que estavam muito bem quietas, mettidas no canto da sua casa, sem lhe



quando vem uma desgraça, quasi sempre se lhe succede outra ou outras. Hoje de manhã vê-se Judas enforcado ahi pelas ruas, e logo depois ahi vai o pobre bacalhau, fazer exposição, e no fim enter-

ram-o; e quem o enterra nem ao menos se recorda que tantas vezes comeu da sua carne, e quantos dez réis produziu em beneficio do cidadão que vende em Lisboa pastellinhos do mesmo material.

Foi-nos remettida a seguinte correspondencia que a pedido publicamos:

Sr. redactor. — Poucos momentos de vida me restam, e estes mesmos eu os consagro em obras pias, e de caridade. Sei que está decretada a minha morte, e hoje mesmo a funebre campa cahirá sobre meu tumulo para não tornar a ver o caleche, nem saber as noticias de Hespanha. Custa-me, sr. redactor, ver andar ahi tanto figurão em plena liberdade, sem ninguem os seringar, e eu em paga de lhe dar tanta vez que jantar seringam-me, fazem de mim gato sapato, enterram-me, e dizem-me depois que a terra me seja leve! Não me importa; em vez de me vingar, faço o meu testamento e deixo lhe não só o que é meu mas tambem tudo que tenho á minha disposição.

Queira, sr. redactor, dar no seu jornal, publicidade ao incluso, não seja tão cruel como elles, e dê uma lagrima ao memoria do seu fiel amigo

O Bacalhau.

Declaro que me chamo Bacalhau, que sou filho das Mercês e do Mendes, irmão do Rebellino, cunhado do Recta, primo do Pavão, e que tenho todos os meus parentes na direita. Estou do posse de todas as minhas faculdades intellectuaes, por isso sou servido dispôr das minhas ultimas vontades pela maneira seguinte:

Deixo ao fiel patusco,
O cidadão Rebellino,
Um logar bem distincto
Na cupula de um moinho,

